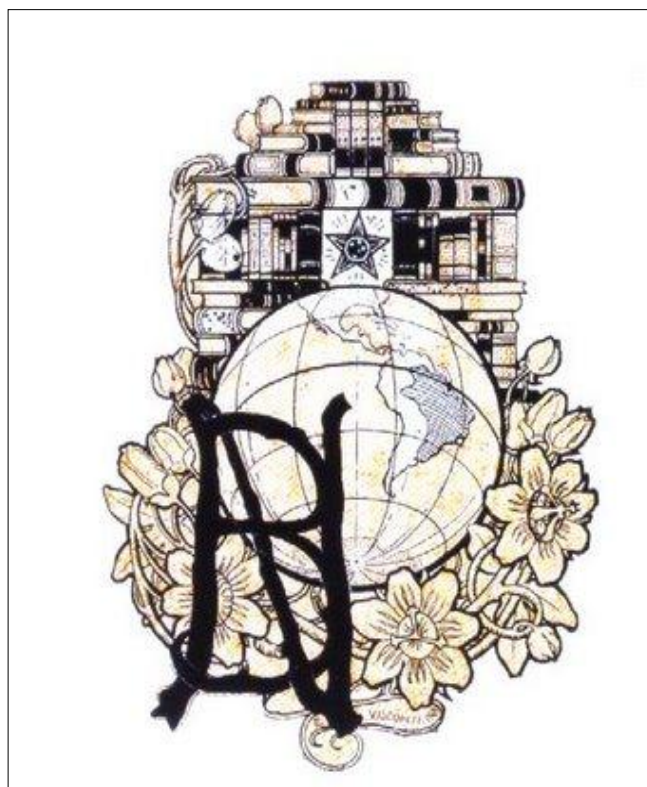


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2014

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



GUILHERME OLIVEIRA CURI

Literatura e imprensa Árabe Moderna nos acervos da Biblioteca Nacional: o *Al Mahjar* também é aqui.

2015

RESUMO: A presente pesquisa buscou investigar a formação da literatura e da mídia impressa árabe no Brasil e assim identificar as linhas a partir das quais estas mediações socioculturais se estruturam, na primeira metade do século XX. Trata-se de um estudo crítico e analítico da produção intelectual dos imigrantes sírios e libaneses, em confluência com o Renascimento Árabe, o chamado *Al Nahda*, considerado um dos movimentos culturais mais significativos no mundo, integrado por poetas, ensaístas e jornalistas, representantes da literatura *Mahjar*.

Palavras-chave: Imigração; história da mídia; literatura árabe, diáspora síria e libanesa no Brasil.

ABSTRACT: This research aimed to investigate the formation of the Arabic literature and print media in Brazil and thus identify the lines from which these socio-cultural mediations are structured in the first half of the twentieth century. This is a critical and analytical study of the intellectual production of the Syrian and Lebanese immigrants in confluence with the Renaissance Arabic, called *Al Nahda*, considered one of the most significant cultural movements in the world, made up of poets, essayists and journalists, representatives of Mahjar literature.

Key-words: Immigration; history of media; Arabic Literature; Syrian and Lebanese diaspora in Brazil.

Introdução

Ao atentarmos para trajetória da literatura árabe contemporânea e o Renascimento Árabe moderno, o chamado *Nahda*¹, observamos com surpresa e fascínio que um de seus momentos mais decisivos desdobra-se na América Latina, mais precisamente no Brasil na primeira metade do século XX. Tal fato pode ser observado como consequência direta do expressivo número de imigrantes vindos da Síria e do Líbano que aqui chegaram nos portos brasileiros ao final do século XIX, na chamada primeira grande leva migratória, composta principalmente por cristãos que buscavam maior liberdade do império Turco-Otomano regido por leis mulçumanas e que enfrentavam difícil situação econômica, política e religiosa.

Dois momentos são decisivos para a vinda destes imigrantes. Em 1861, a região do Levante (também chamada de Grande Síria, onde hoje estão localizados ambos os países) presenciou uma grande perseguição cristã, fazendo com que muitos destes indivíduos migrassem. Outro fato importante é a visita D. Pedro II ao Líbano e à Síria em 1876, que estimulou a vinda destes indivíduos para o Brasil (Khatlab, 2015).

¹ Palavra árabe que significa despertar ou renascimento

Para além de pensar a imigração síria e libanesa somente de forma funcional e prática (mão-de-obra, fuga das guerras e até mesmo como a aptidão para o comércio com os conhecidos caixeiros-viajantes) faz-se necessário compreender que boa parte dos imigrantes que aqui aportavam traziam consigo uma ânsia por mudanças políticas e sociais. Muitos eram instruídos e cultos, pertencentes até mesmo a certa elite política e intelectual do mundo árabe², com grande capacidade para transformar em formas discursivas estas vontades e continuar uma produção intelectual latente que já estava acontecendo no Oriente Médio.

No mapa geopolítico, os sírios e libaneses encontravam-se dominados pelos turcos no plano local e pela crescente influência ocidental no plano externo - os conflitos médio-orientais estavam – e permanecem até os dias de hoje – diretamente relacionados às políticas imperialistas e coloniais ocidentais³.

Neste contexto, de maneira introdutória, observamos que o Brasil passa a ser percebido como a terra ideal para uma nova forma de vida na qual a imigração desempenha papel fundamental e, até mesmo, imprescindível para a sobrevivência e desenvolvimento do *Nahda*, como veremos a seguir.

Antes de avançarmos na discussão proposta, tona-se válido salientar que na virada século XIX para o século XX existiam três correntes intelectuais políticas bem definidas no mundo árabe que com a emigração, em terreno agora teoricamente neutro, acabavam mesclando-se, lançado bases a reconstrução da identidade árabe, diretamente ligada às expressões midiáticas e literárias em questão.

Havia a corrente islâmica que se dividia em duas tendências: uma integrista, antiocidental, anticristã, que preconizava o retorno total ao Islã das origens e que persiste até os dias de hoje. Já a outra vertente não rejeitava a nação árabe, era bastante ligada ao Islã mas tinha um cunho positivista pois acreditava que a solução para os problemas encontrava-se no domínio da ciência e da tecnologia. Na outra ponta, a segunda corrente, encontrava-se o integralismo cristão maronita, com influências dos ideais franceses, de liberdade e igualdade, aberto às práticas ocidentais. No entanto, este movimento era bem mais fraco do que o de corrente islâmica.

² Todos os sírio e libaneses que migraram para o Brasil estão inseridos no que chamamos na cultura árabe de diáspora. Algo que vai muito além dos limites políticos e geográficos traçados para delimitar o que o ocidente denomina de Oriente Médio.

³ A partir de 1916, com a queda do império turco, França e Inglaterra dividiram entre si o Oriente³. Coube aos franceses o Líbano e a Síria, enquanto os ingleses ficaram com o Egito, a Palestina, a Jordânia e o Iraque. Divisão essa conhecida sob o nome de “acordos Skyes-Picot”.

E, além destes dois movimentos, havia a corrente *panarabista* [grifo do autor], uma espécie de terceira via, de cunho laico, que reunia pessoas de todos os horizontes, principalmente progressistas, com uma concepção simultaneamente histórica e sincrética do arabismo. (ZEGHIDOUR, 1982). Esta linha ideológica foi a que mais se desenvolveu no Brasil como veremos a seguir.

I. Surgimento e expansão da literatura e da mídia impressa árabe no Brasil.

Ao pesquisarmos a vasta literatura que procura compreender os processos migratórios na contemporaneidade observamos certo pessimismo frente ao tema, com especial atenção para as adversidades encontradas por aqueles que são forçados a deixar o seu local de origem. De fato, estes estudos possuem grande mérito ao apontarem as inúmeras contradições do mundo moderno e capitalista no qual estamos inseridos. No entanto, o que propomos aqui é de certa forma o oposto a esta tendência ao tentarmos demonstrar a positividade e a riqueza da própria experiência migrante.

Assim como nos lembra Bezerra Jr. (1999) que, se, de fato, os movimentos migratórios estão marcados por rupturas, perplexidades, desorientações, não seria menos verdade observamos que do outro lado da moeda encontraríamos um complexo “processo de enfrentamento da diferença, de elaboração da estranheza intrigante, que remete o sujeito a uma reinvenção de si, a uma reconstrução de suas referências, a um processo complicado, doloroso, mas potencialmente criativo de afirmação de si” (1999, p.14).

Desta forma, introduzimos o tema proposto ao afirmamos de antemão que através da mídia impressa e da literatura, os imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Brasil no final do século XIX encontraram um meio de continuarem produzindo intelectualmente, como um prolongamento do Renascimento árabe que tinha como objetivo não somente discutir as questões políticas, sociais e culturais dos países de origem mas também promover um novo projeto de civilização.

Algo que beirava até mesmo as utopias positivistas de Immanuel Kant, principalmente na obra *A Paz Perpétua: Um Projeto Filosófico*”, publicada em 1795, na qual o filósofo alemão afirmava que a razão teria muito mais força que o poder da guerra, e que o estado de paz seria um dever imediato, que, porém, não poderia ser instituído ou assegurado sem um contrato dos povos entre si.

Tal empreitada intelectual e discursiva pode ser constatada no grande número de jornais revistas impressos no Brasil por imigrantes árabes na primeira metade do século XX. De acordo com Sáfady (1972) e Khatlab (2002), cerca de 400 títulos de jornais, livros, revistas, suplementos comemorativos e boletins de notícias foram criados somente neste período. A cidade de São Paulo, reconhecida pelo alto número de migrantes, assistiu à fundação de quase 100 publicações árabe-brasileiras. No Rio de Janeiro foram contabilizados 60, alguns destes disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, incluindo também o surgimento da Associação da Imprensa Libanesa, em 1937 (Khatlab, 2002, p. 74).

Estima-se que mais de 300 jornalistas tenham trabalhado na construção desses veículos. Somente no acervo da Biblioteca Nacional, foram encontrados 25 títulos em diferentes setores da instituição como no acervo de periódicos, obras raras e obras gerias, como podemos observar na tabela a seguir:

Periódicos sírio-libanes no acervo da biblioteca nacional (1898 – 2015)						
N.	Título	Ano	Local	Situação	Edições	Localização
1	Al-Assmahy: folha diária	1898	São Paulo-SP	Microfilmado	5F	P18,01,134
2	Al-Munazer	1900	São Paulo-SP	Microfilmado	5F	P18,01,97
3	Al-ADL (A Justiça: Orgão syrio)	1901 - 1924	Rio de Janeiro-RJ	Microfilmado	11	4,422,05,24
4	Al-Manarat	1902	São Paulo SP	Papel	1	P18,01,133 2,088,01,13
5	O Oriente - Coletividade Sírio-Libanesa no Brasil	1908	São Paulo-SP	Papel	1	2,422,04,06
6	Al Chediak (Al Chediac)	1910	Rio de Janeiro- RJ	Papel	2	P21,04,03
7	AlJadid	1911-1919	São Paulo -SP	Papel	37	1,215,01,27
8	Al-Maaref	1914	Santos-SP	Papel	1	P18,01,132
9	Abu-nuas: órgão crítico árabe	1915	Manaus-AM	Microfilmado	53F	PR-SPR 00952- 00958
10	Al- Amazon	1917	Manaus - AM	NL	2	NL (Obras Raras)
11	A Abelha: revista religiosa, litteraria, medicinal e moral	1919	Rio de Janeiro -RJ	Papel	6	1,330,01,25(Depósito Legal)

Al-Faraed : revista syria científica, litteraria, agricola e social	1920	São Paulo – SP	Papel		1,215,01,27
Al-Watan (A Pátria)	1922,19 24, 1932	São Paulo -SP	Papel	38	P11A,07,26
Al Fanuz (A Lanterna): órgão crítico libanez mensal	1933- 1937	Rio de Janeiro-RJ	Papel	33	1,367,06,11
O Oriente - Orgam de propaganda Syrio-Brasileira	1928	São Paulo-SP	Papel	9	Anexo Periódicos
Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes	1938	São Paulo –SP	Papel	16	1,290,02,12
Correio do Oriente	1946	Rio de Janeiro-RJ	Papel	512	4,310,04,10
Oriente Árabe	1958- 1970	Rio de Janeiro-RJ	Papel	23	4,499,01,20
Al-Ariba	1968	São Paulo-SP	Papel	NL	
Revista da L.E.A. / [Liga Árabe, Missao no Brasil]	1971	Rio de Janeiro- RJ	Papel	7	4,499,01,23
ICAB - Instituto de Cultura Árabe-Brasileiro	1976	Brasília-DF	Papel	2	1,371,02,16
LEA - Revista da Liga dos Estados Árabes	1977- 1985	Brasília-DF	Papel	9	4,499,01,27 2,356,03,23
A Missão - Boletim da Missão Libanesa Maronita do Brasil	1986	Rio de Janeiro-RJ	Papel	12	3,058,07,03
Noticias do Oriente: quinzenal informativo,cultural e comercial	1983	São Paulo -SP	Papel	2	6,398,06,13
Chams	1991	São Paulo-SP	Papel	12	6,111,02,09
Total: 25 títulos					

O primeiro jornal árabe no Brasil, que durou apenas alguns meses, foi publicado em 1895 na cidade de Campinas- SP com o título de *Al-Faihá* (A Espaçosa). Um ano após, em 1896 nas cidades de Santos-SP e Rio de Janeiro-RJ surgem mais publicações. Em 1901 já constavam cinco jornais, em 1915 contabilizam-se dezoito periódicos. Muitos destes veículos utilizavam a titulação “*Al Brasil*” (O Brasil), numa clara tentativa integracionista.

No decorrer das décadas, São Paulo consolida-se definitivamente como principal centro de letras árabes, fato que acontecia paralelamente ao desenvolvimento da imprensa árabe no Rio de Janeiro e no Amazonas, que mesmo

que em menor escala, permitiu a formação de uma esfera pública diaspórica que abrange todo o território nacional.

Sobre esta proliferação da mídia árabe-brasileira, salienta-se um fator chave para compreender a difusão espacial dos jornais imigrantes: a figura do *Ahl al Kacha*, nome árabe que designa o grupo conhecido como “povo da caixa” ou, no nome popular, caixeiros-viajantes e mascates. Para Sáfady (1972), os jornais publicados acompanharam o caixeiro-viajante “em suas andanças, estabelecendo-se como uma espécie de escola circulante” (Sáfady apud. Sáfady, 1972, pág. 281), possibilitando assim para que muitos imigrantes de regiões do interior permanecessem informados não só com os acontecimentos do país de origem assim como sobre a vida estrangeira em outras regiões.

Para Lesser (2000:103), fatores como este servem para elucidar que o papel social de tais veículos pode ser considerado ambíguo. Por um lado temos o uso do árabe nas publicações, o destaque à vida associativa e a constante atenção aos acontecimentos políticos do país de origem que contribuem para a manutenção dos laços pré-migratórios, de memória, do imaginário; de outro, observamos orientações sobre como se estabelecer no novo ambiente, na nova terra, um estímulo à dinâmica de aculturação.

De qualquer forma, não se procura aqui estabelecer julgamentos de valor sobre se a imprensa árabe promoveu ou não a integração desses imigrantes. Pelo contrário, acredita-se que a ambiguidade é uma das dimensões constitutivas da trajetória, cujo paradoxo de estar dentro e fora ao mesmo tempo é reivindicado como ferramenta epistemológica central por inúmeros autores que se dedicaram a explorar a forma migrante de estar no mundo (Simmel, 1908; Sayad, 1996, Hall, 2003).

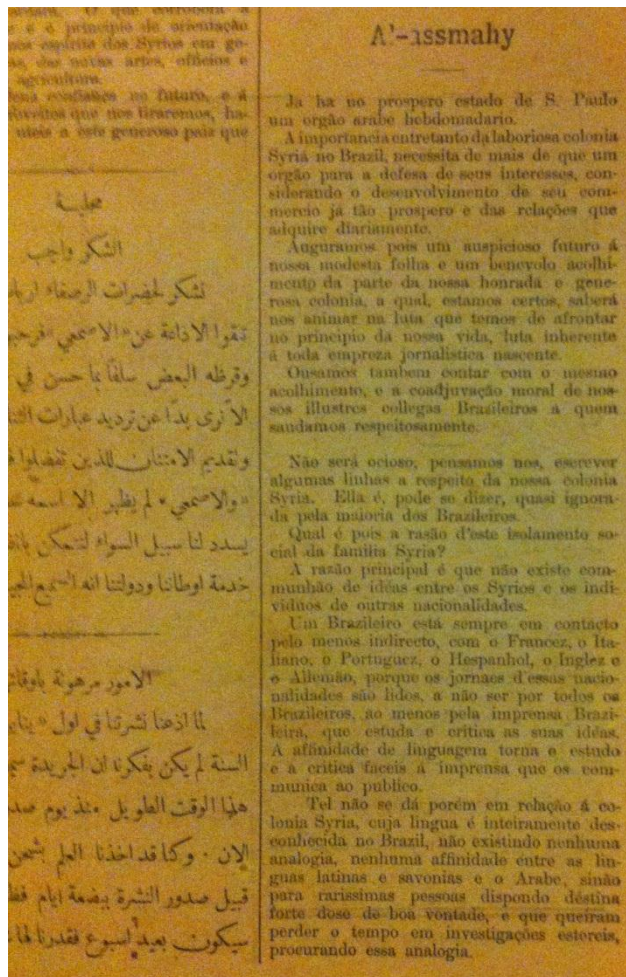
A partir das análises realizadas, foi constatado que estes periódicos foram criados por uma classe de trabalhadores liberais ligados às atividades jornalísticas, políticas e literárias antes da imigração.

Sanches (2009) nos auxilia nesta reflexão ao observar que tais profissionais eram jovens intelectuais árabes oriundos de renomados centros de estudo, como a Universidade Americana de Beirute e pertenciam a uma classe cultural “distinta da maior parte dos demais imigrantes que chegaram ao país, e tendendo menos à mascateação e mais a criar jornais e fundar grupos associativos, movimentos literários” (Sanches, 2009, p. 69).

Tal fato nos remete ao que o pensador italiano Antônio Gramsci chamaria de “intelectuais orgânicos” ao consideramos estes indivíduos como organizadores de uma cultura diaspórica que buscava estabelecer seu lugar ao sol dentro de uma nova cultura hegemônica brasileira na qual agora era parte, como veremos a seguir. Nas palavras de Gramsci (2005), os intelectuais orgânicos teriam como característica principal “a utilização de revistas e jornais como meios para organizar e difundir determinados tipos de cultura” (2005, p. 212).

Observou-se que parte dos jornais e revistas funcionou como veículo de propaganda e relato da vida associativa de espaços de manutenção da sociabilidade hifenizada, tais quais o Clube Homs e o Clube Sírio Libanês, em São Paulo. Outros serviram como veículos de propaganda e informação numa espécie de marketing de conteúdo étnico de estabelecimentos comerciais. É o caso dos boletins da tipografia Al-Funun e da livraria Farah, também em São Paulo, reforçando assim que a rede desta nova cultura diaspórica cada vez mais se inseria na vida cotidiana brasileira.

Avançando na discussão, ao pesquisarmos principalmente os acervos da Biblioteca Nacional brasileira nos deparamos com um dos primeiros periódicos bilíngues (árabe e português) publicados em território nacional, sob o título de *Al Ashmay*. Na primeira edição, datada de 1899, há um artigo em português, sem título, na terceira página, no qual podemos observar a explícita vontade dos recém-chegados de serem aceitos, incluídos e acima de tudo percebidos como uma nova comunidade.



Fonte: "Al- Ashmahy, 1ª edição, 1899. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Percebe-se assim a clara tentativa discursiva de quebra de estereótipos ao descrever o migrante não como alguém que pode causar danos, problemas e somente trabalhar, mas sim como um indivíduo social capaz de produzir intelectualmente, de exercer funções de muito além de forças braçais.

Considera-se que, além da tentativa de aproximação com o Brasil, assume-se a diferença, de alguém que pertence a dois lugares distintos pois não há, em momento algum, a negação da terra natal muito menos críticas ao local chegada, mas sim a valorização de ambos. Nostalgia e a promessa de um futuro melhor habitam o mesmo texto.

Credita-se ao jornal impresso a função integradora. Crê-se que através da circulação dos periódicos bilíngues haveria uma maior aceitação e a consequente interação entre as culturas sírio, libanesa e brasileira. Um manifesto à aproximação de culturas aparentemente distintas, uma espécie de 'olhem para nós', existimos, temos a nossa tradição e desejamos construir um novo país.

Vale salientar também que os sírios e libaneses (que em si já eram culturas distintas mesmo que muito semelhantes) não era os únicos que estavam migrando para o Brasil no final do século XX. Outras comunidades migrantes (italiana, africana, alemã, japonesa etc.) também criaram jornais⁴. Tal fato reforça ainda mais a ideia de que estes periódicos serviram como forma de legitimação de existência e identidade de cada comunidade migrante no país.

II. O *Al Mahjar* também é aqui.

Ressalta-se que a formação da literatura e da imprensa sírio-libanesa no Brasil não pode ser estudada de maneira apartada da própria história da Síria e do Líbano e, obviamente, a sua profunda relação com a história brasileira e todo seu contexto político, social e cultural. Segue-se assim a lógica metodológica legada por Carlos Nelson Coutinho (2000), o qual observa que só seria possível entender “plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos” (2000:09). Algo semelhante ao que Said (2013) chama de “empreitada intelectual de humanismo”, a qual ele compreende como uma tentativa “de dissolver grilhões forjados pela mente, de modo a ter condições de utilizar histórica e racionalmente o próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento genuíno” (2013:19).

Isto posto, foi observado que o vasto cenário de produção intelectual diaspórico no Brasil está também relacionado a fato de que a presença da cultura árabe em todo o continente americano antecede, em vários aspectos, a grande leva migratória do final do século XIX.

Sugere-se pensar que desde a chegada dos portugueses e espanhóis a cultura árabe já estaria presente. Khatlab (2002) afirma até que os fenícios, primeiros habitantes do Líbano e Síria, teriam navegado na costa americana antes mesmo de Cristóvão Colombo. “São vários os vestígios de que os fenícios estiveram nas Américas. No Brasil os mais comentados são: inscrições da Pedra da Gávea, Rio de Janeiro e inscrições da Paraíba e outras na região norte do país” (2002, p.13).

⁴ Para tal, ver o trabalho publicado por Camila Escudeiro sobre os Jornais de Imigrantes guardados na Biblioteca Nacional, de 2014

Muitos defensores da presença árabe nas Américas defendem também que nas próprias caravelas de Pedro Álvares Cabral haveriam registros de “árabes- cristãos” a bordo, o que resultaria no fato de que até os dias de hoje encontramos manifestações na língua portuguesa (muitas palavras no idioma derivam do árabe), na culinária, na arquitetura, nas técnicas agrícolas, na medicina, na música etc.

Vale ressaltar aqui que os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica e a região da Andaluzia (do árabe *Al Andaluz*), onde atualmente está boa parte do território português e espanhol. Este período foi marcado por uma grande prosperidade política, social e artística. Fator chave para compreendermos o que aconteceria no Brasil através da literatura *Mahjar* durante a primeira metade do século XX.

Durante séculos, diferentes culturas conviviam praticamente sem guerras, o que fez com que a língua e a poesia árabe sofressem influências de outras culturas e uma forte mutação e florescimento. O califado Andaluz teria fim quando Granada, último reduto árabe em solo europeu, é conquistada pelos cristãos em 1492, mesmo ano em que Cristóvão Colombo desembarcava na América.

Dando um salto para os tempos modernos mas extremamente conectados ideologicamente como período andaluz, considerando que estavam agora em um ambiente semelhante, os imigrantes intelectuais árabes acreditavam que essa experiência deveria ser renovada através da literatura, com um pé no modernismo e outro nas próprias raízes.

Como veremos, este é um ponto de extrema relevância para compreendermos a constituição do que chamamos também de reinvenção de identidades do imigrante árabe expressa através da literatura e das mídias impressas. Todo este processo histórico proporcionou ao Brasil torna-se um dos principais berços do *Renascimento* da arte árabe, o *Nahda*, que estabeleceu novos paradigmas não somente no campo das artes, mas também na esfera política pan-arabista. Fruto desta efervescência, surgia assim a literatura *Mahjar* (que em árabe significa emigração), integrada por poetas, ensaístas e jornalistas, conhecidos como escritores *mahjaris*, simultaneamente lidos no continente americano e países do Oriente Médio.

Os dois principais coletivos eram A Liga da Caneta (*al-Rabita al-Qalamiyah*), sediada em Nova York nas duas primeiras décadas do século XX, liderada pelo famoso escritor Khalil Gibran, e, no Brasil, A Liga Andaluza (*al-Usbh al-Andalusiyah*), baseada em São Paulo, que reunia nomes menos conhecidos mas

igualmente atuantes como Fawzi Maluf, Rashid Salim al-Khuri, Elias Farhat, que motivou a criação, na mesma cidade, da revista “Liga Andaluza de Letras Árabes”, em janeiro de 1933, com um vasto acervo disponível no setor de Periódicos da Biblioteca Nacional.

Nas edições da revista “Liga Andaluza”, que durariam vinte anos (o último exemplar data de 1953) eram também traduzidas para a língua árabe obras de importantes autores da literatura brasileira, “de maneira que estes se tornaram populares, conhecidos e apreciados pelos leitores árabes como o são no Brasil” (Duon, 1944, P. 258).

Na edição de dezembro de 1939 a revista passa a publicar textos em português, tornando-se bilíngue. Em maio de 1940, um emblemático texto é publicado sob o título “*Como e porque morrem as civilizações*”, assinado por Habib Massoud, editor-chefe da revista:

As civilizações, como os homens, nascem, envelhecem e morrem. Todas as áreas conheceram a lei inexorável da criação e implacavelmente caminharam para o seu destino fatal. Na hora presente em que prematuramente envelhecida pela sua vida intensa de cinco séculos, a preponderância da Europa Ocidental parece tocar o seu fim, afogada no mar das contradições que ela própria criou para seu recordar como evoluíram e se precipitaram para o extermínio as brilhantes civilizações do passado (MASSOUD, 1940, P. 3).

Neste artigo, fica explícita a empreitada intelectual a qual os imigrantes estavam propondo. Os principais pontos eram: a retomada do florescimento da cultura árabe; a valorização de um modo civilizatório que não somente ocidental; e o resgate ao que havia sido produzido na Andaluzia mas que agora poderia coexistir em território brasileiro. Um local imaginário, atemporal, que habitava os sonhos ideológicos das comunidades sírio e libanesa que aqui chegavam.

O conceito de memória coletiva para Maurice Halbwachs (2006) traz questões importantes para pensarmos sobre todo este processo. Para ela, a medida que os acontecimentos se distanciam de diferentes maneiras, temos o costume de “recordá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais às vezes se destacam alguns dentre eles, que abrangem muitos outros elementos – sem que possamos distinguir um do outro nem jamais enumerá-los por completo”. (HALBWACHS, 2006, p.92).

A partir dessa perspectiva, o autor estrutura todo o seu conceito da memória coletiva. Em seus estudos das noções como ‘lembrança’, ‘história’, e ‘consciência’,

Halbwachs debate sobre os diversos tipos e configurações de memória; dando destaque ao seu caráter social e natureza dinâmica que asseguram a continuidade psíquica e consciência de si do grupo, incorporada e refletida em cada um dos seus membros.

Ainda de acordo com Halbwachs (2006), toda a memória é espacial. Ou seja, é no espaço ocupado e, ou, atravessado que nossa imaginação ou nosso pensamento são suscetíveis de reconstruir nossa memória e é nele que nosso pensamento se fixa para que uma dada categoria de lembranças reapareça e tome forma.

Percebemos assim que o deslocamento real e/ou imaginário no espaço, seja ele físico ou simbólico, e a produção de territorialidades e espacialidades diferenciadas constituem o cerne fundamental do fenômeno migratório, e, mais especificadamente, colocado em prática através da literatura *mahajr* e o retorno à Andaluzia.



Fonte: “Capa da *Revista Andaluza de Letras Árabes*, Maio/Junho de 1940. Número 5-6. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Said (2013) também nos ajuda a pensar tal retorno à Andaluzia em terras brasileiras ao falar de “geografias imaginadas” que os imigrantes levam consigo nas quais a concretude do território já não mais seria imperativa e vital para que os indivíduos compartilhassem comunitariamente determinadas experiências sociais e culturais. Este ‘imaginário geográfico’ – a nova Andaluzia – produz uma ressignificação da identidade árabe tanto contexto local quanto na terra de origem.

Algo que Hall (2003) chamaria de lugares de passagem, ao salientar que o conceito fechado e hermético de diáspora se apoiaria sobre uma concepção binária de diferença, “uma espécie de fronteira de exclusão, dependente da construção de um *Outro* ou de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (2003:33).

De acordo com o autor, o conceito de *différance* de Derrida torna-se assim de extrema utilidade para uma melhor compreensão das formas diaspóricas contemporâneas. *Différance*, seria uma diferença que não funciona através de “binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas também lugares de passagem (*places de passage*) e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (2003, p.33).

Tal fato reafirma-se quando constatamos que os primeiros intelectuais escreveram na própria língua, outros, como Mussam Kuraiem, mesclaram o árabe com o português. O sentido de liberdade e inovação foi levado tão ao pé da letra que foram criadas obras que mesclavam termos indígenas e africanos além do próprio árabe como no livro *As Aventuras de Finianos*, de Chuckri Al Khouri.

A língua aqui é mais uma vez observada como um projeto ideológico pois ao atentarmos para o que acontecia no Brasil durante este mesmo período. Como nos lembra Seyferth (2005), entre os anos de 1937 e 1945, a ‘campanha de nacionalização’ proposta pelo então presidente Getúlio Vargas visava a homogeneidade nacional e a exclusão da heterogeneidade migrante. Tal política acarretou: em mudanças no sistema de ensino que levaram ao fechamento das escolas particulares as quais as aulas eram ministradas em língua estrangeira; na interdição do funcionamento de associações culturais, beneficentes, recreativas e esportivas que possuísem qualquer tipo de configuração étnica; e, por fim, na proibição do uso público de línguas estrangeiras e das publicações destinadas e produzidas por grupos específicos de imigrantes (jornais, revistas, almanaques e produção literária), nos quais estavam incluídos os sírios e libaneses (2005, p.17).

Nesta mesma época, como relata Safady (1972), o Brasil era reconhecido no mundo árabe como *Terra da Promissão*, “por nele terem encontrado algo do que procuravam, e que em seu meio ambiente, sob domínio da Turquia, não lhes permitia obter” (1972:84). Não ao acaso, três anos após fechamento dos até então tradicionais periódicos, em 1944 o escritor Taufic Duon lança em São Paulo um estudo sobre imigração árabe no Brasil intitulado *A Imigração Sírio-Libanesa às Terras da Promissão*. Este é o primeiro trabalho produzido por um imigrante libanês totalmente em português e que buscou de fato elucidar sobre as questões históricas da diáspora árabe no Brasil. Pouca atenção é dada a este valioso documento, que está presente no acervo de Obras Gerais da Biblioteca Nacional e permite compreensões sobre este importante período que, em última instância, reflete também na construção da sociedade brasileira. O livro é dividido em quatro capítulos, além de uma breve introdução sob o título “Fins, Modos e Meios”.

Após o fim do regime Vargas, em 1945, começam a ressurgir as publicações árabes entre eles o próprio *Fata Lubnán*, agora com o nome de Brasil-Líbano, já demonstrando aí o caráter discursivo da hifenização decorrente dos encontros culturais no mundo ocidental pós-industrial que passaria de vez a marcar as comunidades migrantes. Outro importante periódico que volta a ser publicado no Brasil, mais precisamente no ano de 1947, após as drásticas medidas de Vargas, é o *Al-Karmat*, (A Vinha) impresso na cidade São Paulo. Esta publicação, que havia sido criada em 1914 por Saluá Salámi Atlas, é considerada a primeira publicação feminina árabe nas Américas, algo que por si só suscitaria análises mais atentas no campo de pesquisa de gêneros principalmente. Por hora, vale ressaltar que a sua fundadora falou pela primeira vez em prol dos direitos da mulher em 1889 na cidade de Jerusalém, tendo vindo para o Brasil logo em seguida por razões de perseguição.

Conclusão: caminhos a seguir...

Observa-se que mesmo enfrentando dificuldades perante as políticas impostas, a comunidade árabe migrante no Brasil caminhava na contracorrente do modelo de nação proposto pelo então Estado Novo instaurado por Vargas. A mistura, a miscigenação e a interculturalidade (tão celebrada nos dias hoje) já eram pautas principais dos escritores migrantes que aqui estavam.

Estes indivíduos, mesmo que dialogando intensamente com as causas do médio-orientais e, de certa forma, pouco com a então realidade social e política brasileira, davam um recado explícito do quão vital seria a heterogeneidade cultural para quaisquer que sejam as formas de convívio social almejado, mesmo que utópicas e habitando, por vezes, somente o plano discursivo.

Ao realizarmos a pesquisa, observamos também que a empreitada *mahjar* perdurou nas comunidades sírias e libanesas no Brasil na contemporaneidade e que outros intelectuais descendentes de árabe, que fixaram residência no país, deram continuidade ao movimento *Nahda*.

Tomamos aqui como exemplo conclusivo o escritor Mansour Chalitta, falecido em 2013 no Rio de Janeiro, onde viveu por mais de quarenta anos. Nascido na Colômbia, o autor passou boa parte da infância e juventude no Líbano, onde estudou filosofia e letras. Cursou a faculdade de direito na França e jornalismo na América do Norte, onde ficou mais próximo das obras de Khalil Gibran, tornando-se o maior tradutor do best-seller “*O Profeta*” após mudar-se para o Brasil no começo dos anos cinquenta do século passado.

Em 1973, Chalitta escreve um livro que pode resumir todo este legado literário sob o título “Do Oriente Médio: Mosaicos”, também presente no acervo de Obras Gerais da Biblioteca Nacional.

Na época, alguns escritores brasileiros já percebiam a relevância desta obra, tanto que a primeira edição tem o prefácio assinado por Jorge Amado, amante confesso da cultura árabe. O livro, que originalmente foi escrito em francês sob o título de *Cocktail*, é dividido em cinco capítulos nas quais o autor mistura os mais variados temas, desde poesia, contos e fábulas bem ao estilo da literatura *Mahjar*, com vastas referências à terra natal, passando por quase toda a história da literatura árabe e posicionamentos pan-arabistas, principalmente sobre as guerras que eclodiam entre árabes e israelenses a partir da criação do Estado de Israel em 1948.

No aspecto político, Chalitta lê a história a partir de um olhar árabe. Discorre sobre a trajetória do povo palestino, que remontaria a 3.500 a.C., defendendo o direito da criação do Estado Palestino nas terras que até hoje são motivo de conflito. Faz duras críticas ao surgimento do movimento sionista, no final do século XIX, cujo líder, o austríaco Theodor Herzl, pregava o retorno dos judeus às terras prometidas.

Para o autor, os palestinos foram expulsos após a Segunda Guerra Mundial de seu próprio território com aval dos governos norte-americano e inglês. Em muitos

momentos, indaga como se poderia abrir uma região povoada sem trazer prejuízo às comunidades existentes, que representavam mais de 90% da população palestina. O autor deixa claro não ser antissemita, no entanto, defendia que o sionismo precisava ser combatido, por se tratar, segundo ele, de um movimento sem fundamentação histórica, inventado para justificar uma atitude colonialista e de dominação.

Assim, concluímos também que uma das principais características, da literatura *Mahjar*, colocadas em prática no Brasil, foi a de reiterar e reafirmar questões política principalmente de cunho pan-arabista. Mesmo em terras distantes, os escritores imigrantes que aqui viviam estavam sempre conectados com o que estava acontecendo no Oriente Médio, algo que se percebe até hoje, principalmente via websites na internet.

Vale ressaltar também que, além das causas políticas, a **tradição** [grifo do autor] para os pan-arabistas e *mahjaris* é percebida como algo em pleno movimento, não estático, mas atemporal e em constante diálogo com as culturas que a permeia. O que nos leva a concluir que para estes escritores, o *Al Mahjar* poderia ser aqui.

O imigrante árabe assim contrapõe-se às condições e rótulos previamente colocas a ele, recriando histórias e escrevendo as próprias linhas em um novo mundo. Para além de um exercício científico, compreender dialeticamente como estes imigrantes fazem uso da mídia escrita e da literatura é um exercício de alteridade para recontar à história do que chamamos de nação, mesmo que utopicamente.

Bibliografia

AMORIM, Nayara. **A Integração dos imigrantes sírios e libaneses no cenário urbano brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) UFU, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre ideias e formas**. 2.ed. DP & A. Rio de Janeiro, 2000.

_____. **O Leitor de Gramsci. Escritos Escolhidos**. 1916-1935. Civilização Brasileira. São Paulo, 2007.

DUON, Taufik. **A emigração sírio-libanesa nas terras da promessa**. Ed. Autor. São Paulo, 1944.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

- KARAM, John Tofik. **Um Outro Arabesco. Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal.** Ediora Martins. São Paulo, 2009.
- KHATLAB, Roberto. **Brasil-Líbano: A amizade que desafia a distância.** Bauru-SP, EDUSC, 1999.
- KHATLAB, Roberto. **Mahjar: Saga Libanesa no Brasil.** Zalka – Líbano: Ed. Mokhart, 2002.
- LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Ed Unesp, 2001.
- MASSOUD, H. **Como e porque morrem as civilizações.** In: *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes. Ano VI, Maio-Junho de 1940.* N. 5-6. São Paulo: Ed. Árabe Jorge Maluf & CIA, 1940
- SAFADY, Jorge. **A Imigração Árabe no Brasil.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1972.
- SAID, Edward. W. **O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente.** Companhia de Bolso, São Paulo, 2013.
- SANCHES, Marcela. **Nova Andaluzia : a memória da intelectualidade árabe no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- SAYAD, Abmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo, EDUSP, 1998.
- SEYFERTH, G. **Imigração e (re) construção de identidades étnicas.** In: NETO, Helion Póvoa. & FERREIRA, A. P. (orgs.) *Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios.* Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.
- SHEHI, Stephen. **Foundations of Modern Arab Identity.** Florida: University Press of Florida, 2004.
- TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo.** Ed. Unesp, 2008.
- ZEGHIDOUR, Slimane. **A Poesia Árabe Moderna e o Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1982.